

MARIA ELIZANGELA ANTUNES PEREIRA
RAFAEL GOMES PINHEIRO

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

AS AVENTURAS DA PEQUENA ELI



MARIA ELIZANGELA ANTUNES PEREIRA
RAFAEL GOMES PINHEIRO

COLEÇÃO LITERATURA PARA INFÂNCIAS

AS AVENTURAS DA PEQUENA ELI

Elias de Pádua Monteiro

Reitor do IF Goiano

Luciano Carlos Ribeiro da Silva

Pró-reitoria de Extensão

Geísa D'Ávila Ribeiro Boaventura

Pró-reitoria de Ensino

Gilson Dourado da Silva

Pró-reitoria de Administração

Ana Maria Rodrigues de Resende

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas

Alan Carlos da Costa

Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Equipe do Núcleo da Editora IF Goiano

Sarah Suzane Bertolli

Coordenadora Editorial

Daiane de Oliveira Silva

Assessora Técnica

Ana Paula Oliveira Sousa

Assessora Editorial

Revisão textual

Bárbara Rayne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Projeto gráfico e diagramação

Bruna Ranyne Nunes Cardoso (Coelum Editorial)

Capa

Dhandara Entreportes (Coelum Editorial)

Ilustrações

Criadas com uso de IA generativa no Gemini

Bibliotecária responsável

Daiane de Oliveira Silva

Esta obra é parte dos resultados do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvido pelo Instituto Federal Goiano em parceria com a Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola, vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI/MEC).

As atividades de pesquisa, escuta, registro e sistematização de narrativas, experiências e práticas educativas que deram origem a esta obra foram realizadas em consonância com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado nº 7.954.830 e CAAE: 93147625.1.0000.0036

Tatianne Silva Santos

Coordenadora do Projeto de Extensão Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

P654a Maria Elizangela Antunes Pereira
 As aventuras da pequena Eli / Maria Elizangela Antunes Pereira; Rafael
 Gomes Pinheiro. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2026.
 40 p., il.

ISBN (e-book): 978-85-65871-58-7
ISBN (impresso): 978-85-65871-59-4

Coleção literaturas para infâncias

1. Literatura Infantil Quilombola. 2. Educação das Relações Étnico-Raciais. Cultura Afro-brasileira. 3. Cultura Afro-brasileira. 4. Ancestralidade Negra. 4. Memória e Oralidade Quilombola. I. Santos, Tatianne Silva. II. IF Goiano. III. Título.

CDU: 82-93:37(=96)(81)

Ficha elaborada por Daiane de Oliveira Silva – Bibliotecário/CRB 1 nº 2685

Dedicamos este primeiro livro das histórias da Pequena Eli a todas
às crianças negras e quilombolas cheias de sonhos que inspiram
estas páginas

PREFÁCIO

Este livro nasce do encontro entre saberes, entre gerações, entre a escola e os territórios que guardam memórias vivas da história do Brasil. Nasce, sobretudo, da escuta atenta e respeitosa daqueles que compreendem que educar não é apenas ensinar, mas também aprender com quem resiste, cuida e constrói coletivamente.

Em 2025, atendendo ao chamado da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão, o Instituto Federal Goiano (IF Goiano) respondeu à carta-convite da Coordenação-Geral de Educação Escolar Quilombola com uma proposta formativa que se afastava de modelos prontos e conteúdos impostos. Assim nasceu o projeto Escola Quilombo – Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola: formação de gestores e docentes para a educação das relações étnico-raciais no âmbito das comunidades quilombolas de Goiás. Um projeto construído com o compromisso de aprender com os territórios, com suas lideranças, com as comunidades, suas histórias, seus saberes e suas práticas.

É desse trabalho, especialmente dos encontros presenciais, que surge a inspiração para a construção da personagem principal. Inspirada nas histórias contadas por Maria Elizangela Antunes Pereira, presidenta da Associação Quilombola de Abadia de Goiás, da Comunidade Quilombola Recantos Dourados, nasce a Pequena Eli, uma menina negra, quilombola, com aproximadamente 8 anos, cabelos encaracolados, entremeados por alguns fios dourados. Seu rosto possui traços finos, e o olhar, sempre curioso e esperto, revela uma inteligência viva e atenta ao mundo. Eli gosta de usar figuras pintadas pelo corpo, especialmente o sol em espiral e três pontos brancos sob a sobrancelha direita, marcas que representam sua personalidade forte e a importância que ocupa na comunidade onde vive, lugar em que é muito conhecida e querida. Uma pulseira com contas brancas e douradas também faz parte da sua rotina.

No cabelo, contas semelhantes a uma pulseira trazem ainda mais brilho ao seu olhar.

Sempre disposta a ajudar, Eli adora contar histórias e, sobretudo, ouvir os mais velhos: os causos, as lendas, as memórias que atravessam o tempo. Está sempre pronta para fazer novas amizades, carrega sentimentos otimistas e demonstra uma consciência surpreendente sobre os processos históricos que moldaram sua gente. Amante das plantas, conhece suas histórias e seus usos na medicina popular, aprendidos no cotidiano e na escuta atenta. O ar, a terra, a água dos riachos são seus amigos, com quem ela conversa, ouvindo as histórias e sentindo os abraços trazidos por esses elementos, revelando sua conexão com a natureza. Também é apaixonada pelos animais, com quem conversa como se compartilhassem segredos antigos.

Ao lado da mãe, aprende receitas típicas da comunidade e gosta de dividir os alimentos e os momentos de comer, entendendo que partilhar também é uma forma de cuidar. Como toda criança, Eli brinca, corre, ri, se diverte e cultiva uma imaginação imensa – capaz de transformar um simples objeto em algo mágico, cheio de sentidos e possibilidades.

Este livro, portanto, transforma oralidade em narrativa, memória em literatura, cotidiano em fantasia. Assim, a Pequena Eli, personagem central, ganha vida e carrega em si a força da palavra, a imaginação aflorada e o respeito profundo pela comunidade e tudo o que a constitui, demonstrando valores que atravessam cada capítulo e conduzem o leitor por experiências de pertencimento, cuidado, coletividade, respeito, curiosidade e muito aprendizado.

As Aventuras da Pequena Eli é, portanto, um livro infantil que convida as crianças a conhecerem a existência dos quilombos, suas características, suas vivências e suas culturas. Ao longo das páginas, o leitor é apresentado à comida que guarda lembranças, às plantas que curam e protegem, às histórias que ensinam a lidar

com o medo, ao valor da escuta, da solidariedade e da memória. Mais do que apresentar um território, o livro revela modos de viver e de se relacionar com o mundo.

Ao ressaltar a importância dos ancestrais e da história do povo negro no Brasil, esta obra dialoga diretamente com os princípios estabelecidos pela legislação educacional brasileira, especialmente a Lei n.º 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e a Lei n.º 12.519/2011, que institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro. Assim, o livro reafirma o compromisso da educação com a valorização da diversidade étnico-racial, o enfrentamento ao racismo e o reconhecimento das contribuições históricas e culturais dos povos quilombolas.

Embora seja uma obra literária, *As aventuras da Pequena Eli* também apresenta um caráter didático. Foi pensada como subsídio para professores e professoras, podendo ser utilizada em sala de aula como apoio às práticas pedagógicas voltadas à educação das relações étnico-raciais, à educação escolar quilombola e à construção de uma escola mais plural, sensível e comprometida com a justiça social. A literatura, aqui, assume seu papel formador: encanta, ensina, provoca reflexões e amplia horizontes.

Este livro é, portanto, um convite. Convite para escutar com o coração, como ensina a Pequena Eli. Convite para reconhecer que há saberes que não cabem apenas nos livros, mas vivem na terra, nas plantas, nas histórias contadas à sombra das árvores e nas memórias guardadas pelos mais velhos. Convite para que crianças, educadores e leitores de todas as idades compreendam que lembrar é também um ato de resistência – e que educar, quando feito com respeito e escuta, pode ser um caminho singular de transformação.

Rafael Gomes Pinheiro

Abadia de Goiás, fevereiro de 2026

Oi, meu amiguinho leitor,

Que bom te encontrar por aqui. Eu sou a Pequena Eli e, antes de você começar a ler minhas histórias, eu queria sentar aqui um pouquinho com você pra gente conversar sem pressa. Combinado?!

Eu moro em um lugar chamado Quilombo Recanto Dourados, pertinho de Goiânia, na cidade de Abadia de Goiás. Eu amo morar aqui. O nosso quilombo é um lugar onde a gente aprende a andar meio sem pressa pra ouvir o chão que também conversa com a gente, ele conta as histórias do nosso povo. Aqui, as plantas cuidam da gente, a comida tem memória e as pessoas mais velhas sabem cada história linda demais, dessas histórias que não estão escritas em livro nenhum, mas ficam guardadas no coração da gente.

Neste livro, eu vou te mostrar como é o meu mundo. Vou te levar pra caminhar comigo, te apresentar meu primo Luizinho, te contar sobre as comidas que a gente faz com carinho e sobre as plantinhas que protegem, curam e ensinam muito, plantinhas que cuidavam com muito amor dos nossos antepassados. Também vou te contar histórias que ouvi do Tio Zezito, ele já viu cada coisa, tem umas histórias que ele conta que a gente até treme de tanto medo.

Eu acho que você já está curioso para ouvir essas histórias, né?! Olha, talvez você vai achar algumas coisas estranhas, vai ter vontade de fazer perguntas e vai até ficar em silêncio um pouquinho. Não se preocupe, aqui no quilombo é assim mesmo. A gente aprende escutando, imaginando e respeitando tudo ao nosso redor.

E vamos combinar: não precisa ler correndo. Pode parar, voltar, ler de novo e até fechar os olhos pra imaginar melhor. Ah, e pode contar as minhas histórias pra quem você quiser. Tá bom?!

Agora, vem comigo. Segura minha mão e vamos juntos caminhar pelo Quilombo Recanto Dourados. Tô muito empolgada por você estar aqui.

Com carinho,

Eu mesma, a Pequena Eli.



CAPÍTULO 1

**A CHEGADA NO
QUILOMBO**

A Pequena Eli acordou mais ansiosa que de costume. Quando o sol começava a espreguiçar seus primeiros raios entre as árvores, ela já estava de olhos bem abertos, olhando para o teto de madeira e imaginando como seria aquele final de semana com seu primo Luizinho.

A Pequena Eli morava em Abadia de Goiás, uma cidadezinha no interior de Goiás, a mais ou menos 20 quilômetros de Goiânia. Ali, ela vivia em um cantinho mágico da cidade, o Quilombo Recanto Dourados, uma comunidade meio que urbana meio que rural, repleta de memórias.

Ainda na cama, a Pequena Eli se colocava a pensar:

- Será que ele vai conseguir correr rápido que nem eu corro?
- Será que gosta de inventar histórias também?
- Será que sabe ouvir o vento do mesmo jeito que eu?

A Pequena Eli tinha 8 anos e carregava dentro de si um coração curioso, desses que pulam quando sabem que algo novo está chegando. Naquele fim de semana, o Quilombo ia ficar mais cheio: sua madrinha vinha da capital e trazia com ela o filho, Luizinho, da mesma idade que Eli.

Para Eli, Goiânia era quase outro mundo. Um lugar de ruas grandes, carros apressados e muitos sons diferentes. Mas o que ela mais queria mesmo era mostrar ao primo o mundo que ela conhecia como a palma de sua mão.



Quando o carro finalmente apareceu, levantando poeira na estrada de terra, Eli já estava esperando. Assim que Luizinho desceu, os dois se olharam por um instante, curiosos, como quem se reconhece sem nunca ter se visto antes.

Com um sorriso no rosto, disse Eli:

— Eu sou a Eli. Aqui é o nosso Quilombo.

E, sorrindo também, Luizinho respondeu:

— Eu sou o Luizinho.

Eli sentiu que aquele sorriso era de quem estava pronto para muitas aventuras. Então, ela perguntou, puxando o primo pela mão.

— Você já comeu quitanda de quilombo?

— Ainda não.

— Então vem.

Na cozinha, Eli mostrou tudo com cuidado. Apontou os potes, explicou que ali cada comida era feita com muito carinho, pois era cheia de memórias dos antigos. Depois, pegou um doce pequeno e especial.

— Isso aqui chama bananinha de patuá.

— Patuá? — perguntou Luizinho curioso.

— Sim, patuá. É doce de banana embrulhado com muito cuidado e carinho.

Luizinho mordeu devagar e arregalou os olhos.

— Hummmm ... vou querer mais.

Eli riu.

— Desse docinho, nada se joga fora, sabia? Essa folhinha de bananeira ao redor a gente usa para adubar as plantas aqui.



Sem planejar o que fariam, os dois começaram a andar. Eli caminhava devagarinho, querendo apresentar ao primo tudo o que ela fazia todos os dias.

E foi assim que começou aquele fim de semana, em que o Quilombo Recanto Dourados virou cenário de grandes aprendizados e histórias fantásticas, e a Pequena Eli mostrou que sabia transformar o mundo com seu olhar cheio de esperança e fantasia.



CAPÍTULO 2

PLANTINHAS MILAGROSAS



Logo ali no quintal da casa da mãe de Eli, os meninos começaram a andar e a conversar como amigos que se conheciam há muito tempo. A pequena Eli, sempre muito esperta e querendo apresentar seu mundo a Luizinho, parou perto de um vasinho e falou baixinho:

— Essa aqui é a arruda, ela espanta coisa ruim, sabia?

Luizinho chegou mais perto, curioso. Cheirou a planta e fez careta. E disse, rindo:

— Ela é forte, né?!

— É mesmo. A mamãe amassa as folhas, faz chá, faz banho... e deixa sempre plantada bem na frente da casa, porque ela protege a gente.

Continuaram andando. Um pouco mais à frente, Eli apontou para uma planta de folhas compridas e firmes.

— Aquela ali é a espada-de-São-Jorge. Você já viu? Ela guarda segredos aqui do Quilombo.

Luizinho arregalou os olhos, e falou baixinho, como se precisasse guardar algum segredo:

— Como assim? Segredo?!

Eli deu de ombros, com um sorrisinho.

— Sim, de tudo que precisa ficar em silêncio.

Logo depois, Eli se abaixou perto de outra planta, passou a mão nas folhas com cuidado e falou como se contasse algo misterioso para o primo:

— E esse aqui é o boldo, ele conhece histórias bem antigas, da época dos mais antigos.

Luizinho ficou quieto por um instante. Parecia escutar também.

— Eli, as plantas conversam com você?

Eli sorriu.

— Conversam com quem sabe ouvir, Luizinho.

Continuando a caminhada, Eli parou perto de um canteiro mais baixo e falou com a voz calma, como que demonstrando respeito.

— Essa aqui é a arnica-do-campo. Ela ajuda quando o corpo tá doendo.

Luizinho se abaixou para olhar melhor.

— Doendo do mesmo jeito quando a gente cai?

— Também. O tio Tonho diz que essa planta já cuidava do povo antigo quando eles chegavam muito cansados.

E a caminhada não tinha terminado. Logo adiante, Eli apontou para outra planta verdinha e cheirosa.

— Esse é o mastruz.

Luizinho perguntou:

— Pra que serve?

— Pra ajudar a sarar. Os escravos de antigamente usavam quando o corpo tava machucado e, mesmo assim, precisava continuar.

Luizinho ficou sério por um instante, segurando uma folha com cuidado entre seus dedos.

— Eles não tinham remédio, né?

— Não como a gente tem hoje. Mas tinham as plantas... e muito conhecimento sobre elas. Minha mãe diz que as plantas ajudavam, cuidavam... e ensinavam a resistir.

Antes de seguir, Eli mostrou outra, uma com folhas grossas. Pegou na ponta de uma folha e quebrou, mostrando para Luizinho.

— Essa é a babosa. Ela refresca, fecha ferida e acalma a dor.

— Essa é meio melequenta, Eli.

Os dois riram.

Depois disso, eles ficaram em silêncio por um momento, como se estivessem ouvindo o que a terra ainda tinha pra contar.

Então, Eli sorriu de novo, puxou Luizinho pela mão e disse:

— Vamos continuar? Ainda tem muita história pra você conhecer. E, sem pressa, os dois seguiram caminhando.

Luizinho escutava tudo com atenção. Para ele, era tudo novidade. Sentia que aquele lugar era vivo, cheio de lembranças e muita magia.

O Quilombo Recanto Dourados ainda tinha muitas histórias e ensinamentos para Eli apresentar ao seu primo Luizinho.



CAPÍTULO 3

**TIO ZEZITO PRETO E OS
CÃES ARMADOS**

Depois de apresentar tantas plantinhas novas para Luizinho, velhas amigas da Pequena Eli, ela limpou as mãos na própria roupa, olhou para o céu e disse como quem teve uma boa ideia:

— Agora eu vou te mostrar um lugar especial.

— É longe?

— Não. Aqui no Quilombo é tudo pertinho, fica logo depois do pé de manga, um pouquinho mais pra frente.

Eles começaram a caminhar pelas ruas de terra do Quilombo. Eli andava devagar, pisando firme, como se conhecesse cada pedacinho do chão.

Luizinho tentou acompanhar, e perguntou:

— Por que você anda assim?

— Assim como?

— Devagar... olhando pro chão.

Eli parou, pensou um pouco e respondeu:

— Porque o chão escuta. E, se a gente corre demais, ele não conta nada. Você não consegue ouvir?

Luizinho ficou sério. Então, diminuiu o passo também, tentando andar do mesmo jeito que sua prima.

Enquanto caminhavam, Eli apontava as coisas:

— Aqui, minha avó brincava quando era pequena como eu.

— Ali, o pessoal senta pra prosear no fim da tarde.

— Mais pra frente, tem um lugar que gosta de silêncio.

Luizinho, estranhando, perguntou:



— Vou contar uma história de quando um menino era quase do tamanho de vocês, a história dos cães armados.

Tio Zezito pigarreou, ajeitou o chapéu na cabeça e começou a falar mais devagar, como quem volta no tempo, buscando suas memórias.

— Essa história aconteceu comigo mesmo... quando eu era menino pequeno, quase do tamanho de vocês.

Eli arregalou os olhos. Luizinho se inclinou pra frente, todo curioso.

— Eu morava numa chácara afastada. À noite, era tudo escuro, escuro de verdade. Não tinha luz, não tinha barulho de carro, só o vento... e os cachorros.

Uma noite, meu pai e minha mãe foram pra igreja. Eles perguntaram se que queria ir com eles, mas eu respondi, cheio de coragem:

— Já sou um menino grande.

Mas, quando a porta fechou... o escuro chegou junto.

Meus pais já estavam longe quando os cachorros começaram a latir.

Meu coração batia forte. Diziam que naquele lugar apareciam coisas estranhas. Coisas que ninguém via ou entedia direito, mas todo mundo sentia.

Eu fiquei com medo, e muito, tremia dos pés à cabeça, mas fiquei pensando também:

— Se eu tô com medo, vou pegar alguma coisa pra cuidar da casa.

Não peguei nada pra machucar ninguém. Peguei panos velhos, pedaços de couro e amarrei com cuidado nos cachorros, só pra eles ficarem atentos, firmes, guardando a porta, como se estivessem com escudos de proteção.

— Vocês vão vigiar a casa comigo.

Os cachorros se deitaram bem na entrada da casa, ficaram de olhos abertos, corpo atento e orelhas em pé. Pareciam entender tudo.



Quando meu pai e minha mãe voltaram, já era tarde da noite, e ainda me encontraram acordado.

Minha mãe, quando chegou, perguntou, preocupada:

— Meu filho, por que você não dormiu?

Eu respondi a verdade:

— Eu fiquei com um pouquinho de medo... então chamei os cachorros pra cuidar da casa comigo.

Tio Zezito sorriu.

— E deu certo.

Nada entrou. A casa ficou quieta.

E o medo, depois que meus pais chegaram, foi embora devagar.

Ele respirou fundo antes de terminar:

— Às vezes, ser corajoso não é ficar sem medo, é saber pensar quando o medo chega. Não é isso, meninos?

CAPÍTULO 4

**TIO ZEZITO E O
LOBISOMEM**

O sol já tinha ido embora quando Tio Zezito Preto puxou o chapéu um pouco mais para a frente e falou com a voz baixa.

— Agora vou contar outra história... Essa também aconteceu comigo.

Eli se ajeitou no chão, Luizinho chegou mais perto dela. Ali no Quilombo, assim que o sol se pôs, o silêncio se fez ouvir e uma brisa leve soprou, trazendo um friozinho comum em meio à natureza daquele lugar.

— Já faz muito tempo. Eu já era adulto, mas guardo essa lembrança como se fosse ontem. Naquele tempo, eu trabalhava num lugar onde moravam muitas crianças. Um lugar grande, antigo, cercado de casarões velhos, daqueles que o chão lembra coisa triste. Eu ia cedo. Levava comida, cuidava, conversava. Criança precisa disso: comida quente e palavra boa.

Continuou o Tio Zezito Preto:

— Uma noite, a lua apareceu cheia. daquelas que clareiam tudo... e acordam o que está dormindo. De repente, começou um alvoroço... Menino correndo, menino gritando. O medo espalhado no escuro.

Foi quando eu perguntei:

— O que foi isso?

Um menino se aproximou de mim, tremendo, e sussurrou:

— Tio... teve uma coisa aqui.

— Uma coisa como?

Ele respirou fundo e falou baixinho:

— Era peluda, andava diferente, não falava, só passava.

— Eu escutei com atenção. As crianças disseram que aquela presença entrou pela janela, não quebrou nada, não falou nada, só passou... tocou nos pés de alguns meninos... como se estivesse procurando algo.

Luzinho perguntou meio curioso e meio com medo, com a voz engasgada:



— Era o lobisomem? — Luizinho cochichou.

Tio Zezito sorriu de leve e disse:

— Era o nome que eles deram, porque criança dá nome pra aquilo que não entende.

Ele continuou:

— Eu não vi, mas ouvi, ouvi o silêncio pesado, ouvi o medo andando pelo quarto. E vi que aquela noite não era comum. Eu sentei com eles, rezei, fiquei ali até o dia clarear. Nada mais aconteceu. No outro dia, o sol nasceu. O medo foi, então, perdendo a força.

Tio Zezito respirou fundo antes de terminar:

— Tem lugares onde a noite carrega, digamos assim, memórias antigas que podem trazer medo ou curiosidade. Esse dia foi de medo. Por isso, a gente precisa respeitar tudo a nossa volta, pra tudo se acalmar no tempo certo.

Eli pensou um pouco e perguntou:

— Então, o lobisomem era o medo deles?

Tio Zezito olhou para ela com orgulho.

— Será? O que você acha, minha Elizinha?

A Pequena Eli ficou pensativa, como que querendo pensar sobre ela mesmo e seus medos.

Aquelas memórias agora eram também lembranças para aqueles dois.

AS AVENTURAS DA PEQUENA ELI

Rafael Gomes Pinheiro
Maria Elizangela Antunes Pereira

CAPÍTULO 5

A MÃE DO OURO



Já estava começando a escurecer quando Eli e Luizinho se levantaram para ir embora. A lua começava a aparecer no céu, redonda e brilhosa, iluminando o caminho.

Tio Zezito Preto se levantou devagar, apoiou o corpo na bengala e falou com voz séria, mas cuidadosa:

— Vão com calma, sem pressa, e prestem atenção no caminho.

Os dois pararam.

Tio Zezito continuou:

— Se vocês virem uma luz bonita demais, dourada, andando sozinha... não sigam.

Luizinho arregalou os olhos e perguntou:

— Que luz?

— A Mãe do Ouro. Se enxergarem, corram, voltem. Não conversem com ela.

Eli assentiu com a cabeça, como quem já sabia:

— Pode deixar, tio. A gente sabe.

Eles se despediram e começaram a caminhar.

O caminho parecia diferente à noite. As árvores faziam sombras compridas e o vento mexia com as folhas com se brincasse com elas.

Luizinho andava colado em Eli. Aproveitou para perguntar baixinho:

— Eli, o que é a Mãe do Ouro?

— A Mãe do Ouro é uma luz viva. Ela aparece como uma chama dourada, andando sozinha pelo caminho.

— Mas ela é gente?

— Não, nem bicho. Ela é guardiã.

Luizinho franziu a testa sem entender:

— Guardiã do quê?

— Do que ficou enterrado, escondido por alguém. De coisas antigas, que sofreram muito. Por isso, ela brilho pra avisar, não pra chamar.

Luizinho ficou curioso, mas com medo:

— E por que não pode seguir ela?

— O Tio Zezito ensinou que tem luz que não é convite. É aviso.

Eles caminharam mais um pouco em silêncio. A lua clareava tudo, e nenhuma luz diferente apareceu.

Logo adiante, a casa da mãe de Eli surgiu à frente, com a janela acesa e cheiro de comida no ar.

Então, disse Eli:

— Ai... chegamos.

Dentro da casa, comeram juntos. Comida simples, quente, feita com cuidado. Luizinho bocejou antes mesmo de terminar.

Antes de irem dormir, Eli lembrou:

— Amanhã vai ter festa grande, com gente, música e surpresa.

Já quase cochilando, respondeu Luizinho:

— Então, eu preciso dormir.

Os dois se deitaram cedo. O dia tinha sido cheio de histórias, memórias e muitos encantos.

Lá fora, a lua seguiu brilhando em meio ao céu estrelado, como se estivesse observando e cuidando de todos ali.

CAPÍTULO 6

O CARRO MÁGICO

O domingo amanheceu movimentado no Recanto Dourados. A natureza estava calma, mas havia muito movimento por conta dos festejos.

O sol entrou mansinho pela janela e acordou Eli antes do galo cantar. Ela espreguiçou o corpo, sentiu o cheiro vindo da cozinha e sorriu.

— Hoje é dia especial — sussurrou.

Luizinho ainda dormia pesado, abraçado no travesseiro. Eli cutucou ele de leve.

— Acorda, Luizinho, já tem café.

Na cozinha, a mãe da Eli estava com tudo preparado. A mesa simples estava cheia de cuidado: bolo de milho quentinho, biscoito caseiro, pão feito em casa, café passado na hora e outras quitandas que só quem vive ali sabe fazer.

— Come devagar, comida boa tem que ser sentida com calma, Luizinho.

Luizinho comeu com gosto.

— Aqui tudo parece que tudo é mais gostoso — disse ele, sorrindo.

Depois do café, Eli puxou o primo pela mão.

— Agora vamos pro Ponto de Memória. Tem coisa importante pra acontecer hoje.

O quintal estava cheio de gente. Criança correndo, adulto conversando, risada espalhada pelo ar. Debaixo do pé de jaca, aquele mesmo que guardava tantas histórias, todos esperavam a chegada da estrela do dia.

De repente, o danado apareceu: o carro do Quilombo Recanto Dourados.

Não era um carro comum: ele tinha cores, desenhos e, pintado nele, havia a imagem de uma quilombola. Quando as crianças viram, os olhos brilharam.

— Olha!

— Parece que voa!

Um menino, abrindo os braços, gritou:

— É um helicóptero!

Luizinho riu alto.

— Por que eles estão falando isso, Eli?

A Pequena Eli, toda entusiasmada, respondeu:

— Não é só um carro. A mamãe disse que é muito cuidado chegando porque vai ajudar o povo aqui, vai levar quem precisava aonde precisa ir, vai pra trazer saúde, vai deixar tudo mais rápido.

O carro parou. As portas se abriram. E uma alegria grande tomou conta do quintal.

Eli sentiu o coração bater acelerado.

Ela abriu os braços e rodou no meio do quintal, rindo, sem perceber mais nada.

As crianças dançavam em volta do carro, apontando, inventando histórias.

— Esse carro vai levar gente pra sarar, vai ajudar quem precisa.

Luizinho olhou de novo e disse muito animado:

— Então, ele é mágico mesmo.

— Muito, muito mesmo.

O pé de jaca balançou suas folhas. O sol brilhou mais forte, como se o Quilombo também desse boas-vindas ao carro mágico.

E, naquele domingo, o Recanto Dourados ganhou um carro, mais do que isso, ganhou alegria, cuidado e esperança para seus moradores.



CAPÍTULO 7

**A MATULA E A
DESPEDIDA**

Depois do almoço de domingo, tudo ficou mais quietinho.

A comida tinha sido farta e feita com calma. Arroz, feijão, verduras da horta, farinha boa e conversa longa, além das brincadeiras das crianças. Luizinho comeu tudo devagar, pois ele tinha aprendido que a comida guarda os sabores do lugar.

Foi então que a mãe de Eli começou a separar algumas coisas.

Pegou um pano limpo, abriu sobre a mesa e foi colocando, uma por uma, as quitandas feitas ali mesmo: bolo, biscoito, pão, bananinha de patuá.

Eli observava em silêncio. Sabia o que aquilo significava.

— Vem cá, primo.

Ela entregou a ele a matula, amarrada com cuidado.

— É pra você comer na viagem.

Luizinho segurou o pacote com as duas mãos, como se fosse algo muito importante.

— Tudo isso pra mim?

— Não é só comida, é um pedacinho daqui pra você levar juntinho aí de você.

Luizinho sentiu um aperto bom no peito. Olhou em volta mais uma vez: a casa, o quintal, o pé de jaca, o caminho de terra.

Ele entendeu, mesmo sem saber explicar direito.

Agora, ele sabia que sua história também passava por ali. Sabia que vinha de gente forte, de povo quilombola, descendente do povo negro que resistiu, cuidou e permaneceu.

Sabia também que tinha uma prima especial. Uma prima chamada Eli, a pequena Eli: esperta, cheia de palavras, cheia de histórias e pronta para muitas aventuras.

A mãe de Luizinho, depois de se despedir dos adultos, olhou para os meninos e disse que estava na hora de partirem.

A pequena Eli, com o rosto repleto de esperança, olhando para Luizinho, disse:

— Você volta, né?

— Claro que volto! E, da próxima vez, eu vou trazer histórias e alguma coisa da cidade pra você.

O rosto da Pequena Eli se encheu de alegria.

— Vou ficar esperando, Luizinho.

Pela janela do carro, Luizinho segurava a matula apertada contra o peito.

Enquanto o carro se afastava, ele pensou que, sempre que sentisse saudade, bastava abrir o pacote, sentir o cheiro da comida e lembrar. Luizinho, no Quilombo, aprendeu que comida também é lembrança.

No Quilombo Recanto Dourados, Eli ficou olhando até o carro sumir na estrada. Depois virou, correu para o quintal e começou a maquinar tudo que ainda podiam fazer juntos. Eles mal podiam esperar para se encontrar de novo e brincar muito, como se estivessem vivendo grandes e verdadeiras aventuras que só ali, no Quilombo, eram possíveis.

SOBRE OS AUTORES

Rafael Gomes Pinheiro é graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Atuou por alguns anos na educação fundamental do município de Goiânia, experiência que lhe permitiu aproximar-se do universo infanto-juvenil, compreender suas linguagens, inquietações e modos de ver o mundo, ministrando aulas de Língua Portuguesa. Atualmente, é servidor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano), onde vivencia aprendizados cotidianos no diálogo com estudantes e comunidades. No último ano, aproximou-se de forma especial das comunidades quilombolas participantes do Projeto de Extensão Escola Quilombo, experiência que ampliou sua escuta, seu olhar e seu compromisso com a educação, a memória e a justiça social.

Maria Elizangela Antunes Pereira, a Eli, como é carinhosamente chamada, é presidenta da Comunidade Quilombola Recanto dos Dourados, um território de memórias, resistência e encantamentos. Além de liderar a comunidade, atua como coordenadora de Igualdade Racial em seu município, fortalecendo políticas públicas e ampliando vozes historicamente silenciadas. Profunda conhecedora da realidade social que constitui o povo quilombola, Eli carrega não apenas a história de sua comunidade, mas também as raízes e as lutas do povo negro no Brasil. Sua liderança é marcada por visão estratégica, compromisso com a educação, respeito à natureza e uma atuação pautada na empatia e na capacidade de diálogo. Entre reuniões, mobilizações e batalhas sociais, Eli também

cultiva a arte da palavra. Sua habilidade de contar histórias a torna uma exímia contadora de causos, preservando saberes ancestrais e mantendo viva a memória de seu povo.

1ª edição Goiânia-GO
Tipografia Inter

OLÁ, MEU AMIGUINHO LEITOR, QUE BOM TE ENCONTRAR POR AQUI. VOCÊ ESTÁ CURIOSO PARA CONHECER O NOSSO QUILOMBO? TENHO UM CONVITE MUITO, MUITO ESPECIAL PARA FAZER: VAMOS JUNTOS CONHECER O QUILOMBO RECANTO DOURADOS? NESTE PRIMEIRO LIVRO DAS MINHAS AVENTURAS, A TIA ELI E O TIO RAFA ME AJUDARAM A CONTAR ALGUMAS HISTÓRIAS QUE ACONTECERAM AQUI NO QUILOMBO. ESSES DIAS, O MEU PRIMO LUIZINHO VEIO DA CAPITAL PARA PASSAR O FINAL DE SEMANA AQUI COM A GENTE.

E FOI BOM DEMAIS. NÓS COMEMOS MUITAS COMIDINHAS QUE A MAMÃE FAZ COM MUITO CARINHO E QUE TEM O SABOR DO QUILOMBO. BRINGAMOS MUITO POR AQUI, CAMINHAMOS COM O VENTO, AQUI O VENTO CONVERSA COM A GENTE, E MEXEMOS COM ALGUMAS PLANTINHAS MUITO LEGAIS, MILAGROSAS E QUE FALAM MUITO DO PASSADO. AH, E O TIO ZEZITO CONTOU UM MONTE DE HISTÓRIAS, AQUELAS DE ANTIGAMENTE QUE ATÉ DÃO MEDO NA GENTE. O QUE VOCÊ ACHA DE SENTARMOS JUNTOS PRA EU VOU TE CONTAR UM MONTE DE HISTÓRIAS.

SEJA BEM-VINDO AO QUILOMBO RECANTO DOURADOS E ÀS MINHAS AVENTURAS. ESTAMOS TE ESPERANDO.